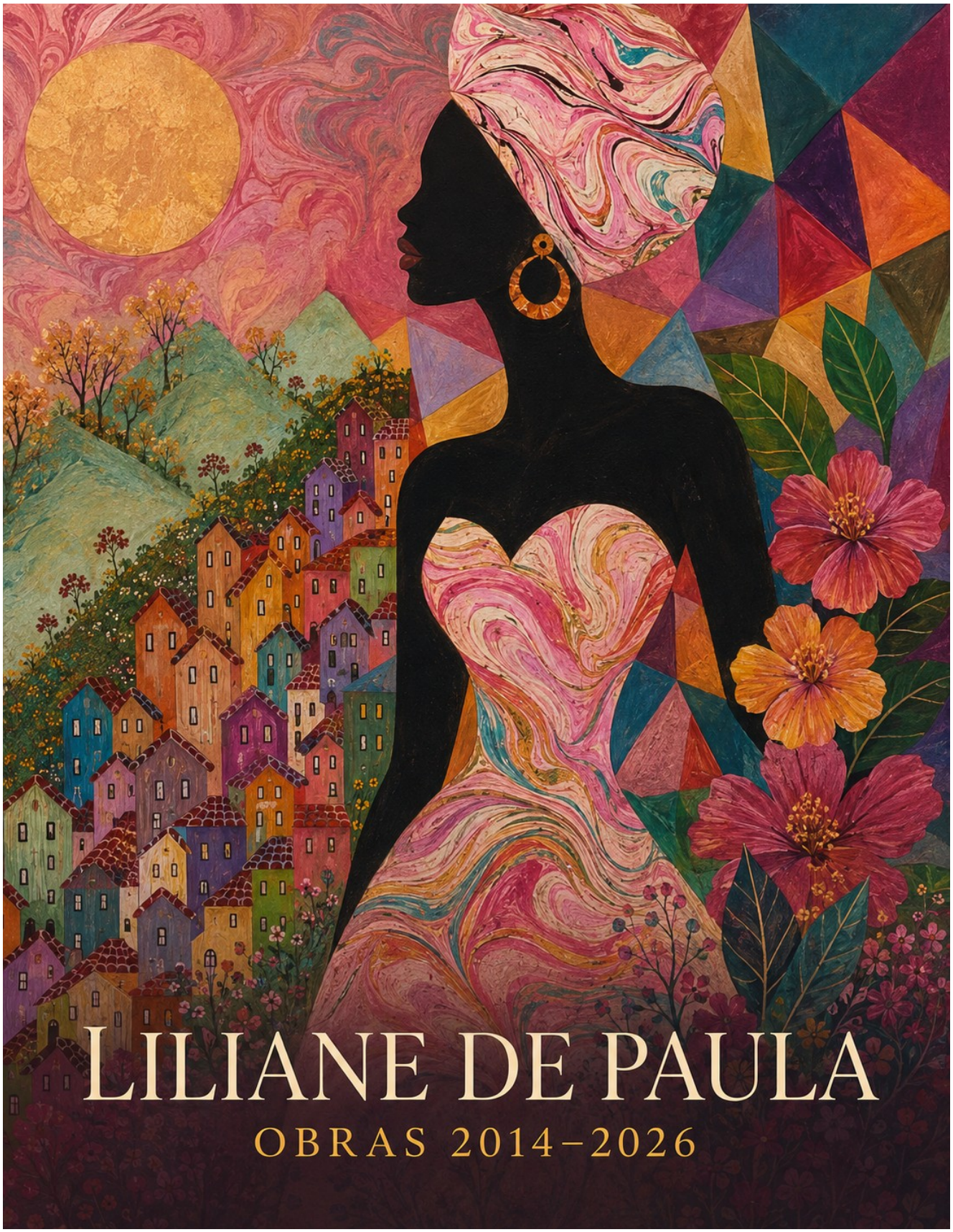

LILIANE DE PAULA
OBRAS 2014–2026

# Entre memória, superfície e figura

Liliane de Paula nasceu em São Sebastião da Vala, Minas Gerais, e a origem rural permanece como um dos fundamentos mais persistentes de sua produção. Não se trata apenas de um repertório de motivos — casas, flores, chapéus, vegetação, personagens do campo —, mas de uma relação de valor com esse universo. A memória rural comparece como forma de olhar: na frontalidade das figuras, na cor afirmativa, no gosto pelo ornamento, na simplificação deliberada do espaço e na recusa de transformar a pintura num exercício de ilusão naturalista.

Essa filiação exige uma precisão. Liliane é formada em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória, e domina um repertório técnico amplo, construído entre pintura, escultura, fotografia, cerâmica, artesanato e outras práticas. A aproximação com o naïf, portanto, não pode ser explicada pelo sentido biográfico clássico do artista autodidata que encontra soluções próprias por desconhecer a convenção académica. No seu caso, a matriz naïf é cultural e electiva: preserva modos de representar ligados à experiência popular e rural mesmo quando a artista dispõe de recursos para optar por outras soluções.

Durante anos, a atividade docente absorveu quase integralmente a sua disponibilidade para uma produção autoral continuada. Até 2013, Liliane deu aulas de Arte no ensino básico e médio da rede pública do Espírito Santo em jornadas que se estendiam da manhã à noite. O percurso autoral reunido neste catálogo começa, por isso, em 2014: não como aprendizagem inicial da técnica, mas como início de uma procura pessoal depois de longa dedicação ao ensino.

### 2014–2015

As primeiras obras desse percurso mostram uma investigação especialmente coerente. Em 2014, as figuras negras e o papel marmorizado formam um núcleo em que colagem e pintura se interpenetram. O papel não funciona apenas como material agregado: torna-se roupa, movimento, identidade e estrutura. Em 2015, dois grandes quadros de caboclos ampliam essa pesquisa para a escala monumental e tornam explícita a matriz rural e naïf que já atravessava o conjunto anterior.

Depois, o conjunto disponível salta para 2024. O intervalo documental não deve ser confundido, por si só, com interrupção da produção, mas o que reaparece nesse momento é claramente um vocabulário ampliado. O pequeno perfil geometrizado introduz a decomposição do rosto em planos de cor; Entre hibiscos e segredos aproxima retrato e ornamentação floral. Em 2025, As casas onde o sol dorme retoma de modo inequívoco a espacialidade naïf e a memória rural, ao passo que À beira do infinito abre a composição para a paisagem e o retrato com toucado floral concentra em um rosto elementos que antes se distribuíam pelo corpo inteiro.

As obras de 2026 não anulam esse percurso. A geometrização das duas telas maiores poderia sugerir uma passagem do naïf ao cubismo ou do popular ao erudito, mas essa leitura seria pobre. Persistem a cor não naturalista, a frontalidade, a figura feminina monumental, a integração entre corpo e ornamento e, sobretudo, a tendência a tratar toda a superfície como campo ativo. O plano facetado surge como novo instrumento para uma preocupação antiga. A mudança é real, mas ocorre dentro de uma continuidade mais profunda.

Por isso, este catálogo não propõe uma narrativa de progresso em que as obras iniciais seriam estágios imperfeitos superados pelas últimas. O que se observa é uma expansão de linguagem. A artista testa materiais, escalas e modos de organizar a superfície sem abandonar o repertório que a liga à sua origem. Em certas obras, essa matriz aparece de forma direta; em outras, permanece apenas como estrutura subterrânea. O resultado é um percurso ainda aberto, cuja coerência se revela menos na repetição de um estilo do que na permanência de alguns valores visuais.

As dezoito obras aqui reunidas, realizadas entre 2014 e 2026, permitem acompanhar esse movimento. Elas documentam o início autoral, a experiência com papel marmorizado, a afirmação da matriz rural, o retorno ao retrato e à paisagem e, por fim, a incorporação da fragmentação geométrica. Lidas em conjunto, mostram uma artista para quem formação acadêmica e memória popular não ocupam polos opostos: são recursos distintos de uma mesma construção de linguagem.

# Critério desta edição

Este volume reúne as dezoito obras identificadas no levantamento visual que serviu de base à edição. As imagens reproduzidas são as versões previamente escolhidas como referência de cada obra; fotografias alternativas, mockups e duplicações deixam de ter função catalográfica nesta etapa.

A ordem é cronológica. Dentro de cada ano, obras formalmente afins permanecem próximas para que o leitor possa reconhecer investigações desenvolvidas como conjunto. Isso é particularmente importante no núcleo de 2014, realizado com papel marmorizado e tinta acrílica, e no par de grandes telas naïfs de 2015.

As dimensões são apresentadas em altura × largura. As técnicas e os suportes seguem os dados confirmados no inventário. As classificações utilizadas nas páginas de abertura — como “Figuras negras e papel marmorizado”, “Matriz naïf rural” e “Geometrização” — têm função curatorial e não pretendem fixar fases fechadas da produção.

Algumas obras permanecem sem título por decisão editorial desta versão. Nesses casos, o catálogo preserva a designação Sem título e acrescenta entre colchetes um descritor exclusivamente identificativo. O texto entre colchetes não integra o título da obra e poderá ser eliminado ou substituído caso a artista venha a nomeá-la futuramente.

As breves apreciações que acompanham cada reprodução não procuram impor uma interpretação única. Elas registram relações formais e continuidades observadas durante a organização do conjunto: uso da superfície, papel do ornamento, escala, matriz naïf, construção da figura e desenvolvimento recente da geometrização.

# Obras

**Obra**

Tecendo o vento

A portadora das águas antigas

Sem título [duas figuras com vasos sobre a cabeça]

Sem título [figura ajoelhada com vaso]

Sem título [duas figuras com toucados florais]

Sem título [figura com vaso à cabeça e saia marmorizada]

Sem título [figura com grande saia marmorizada rosa]

Sem título [mulher com motivo de pavão]

Sem título [caboclo com cesto de flores]

Sem título [caboclo e cabocla com flores]

Sem título [perfil feminino geometrizado]

Entre hibiscos e segredos

As casas onde o sol dorme

À beira do infinito

Sem título [retrato frontal com toucado floral]

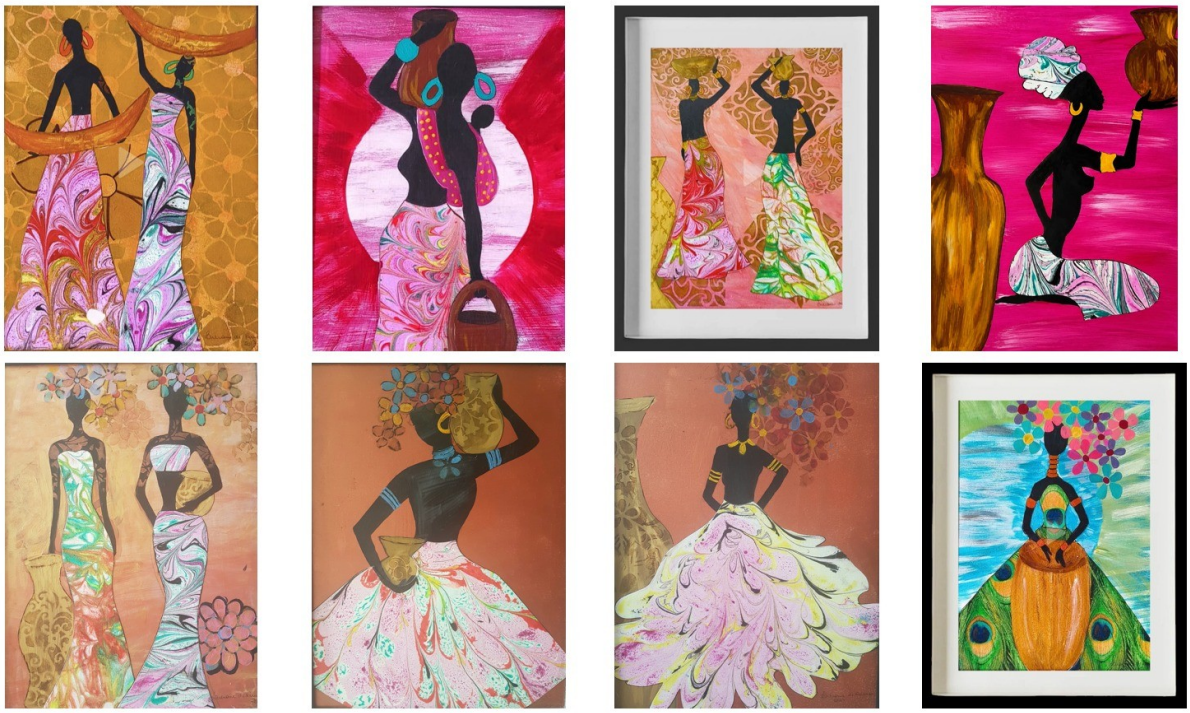
O céu descansou em seus olhos

Sem título [retrato feminino geometrizado com flores vermelhas]

Sem título [figura feminina geometrizada]

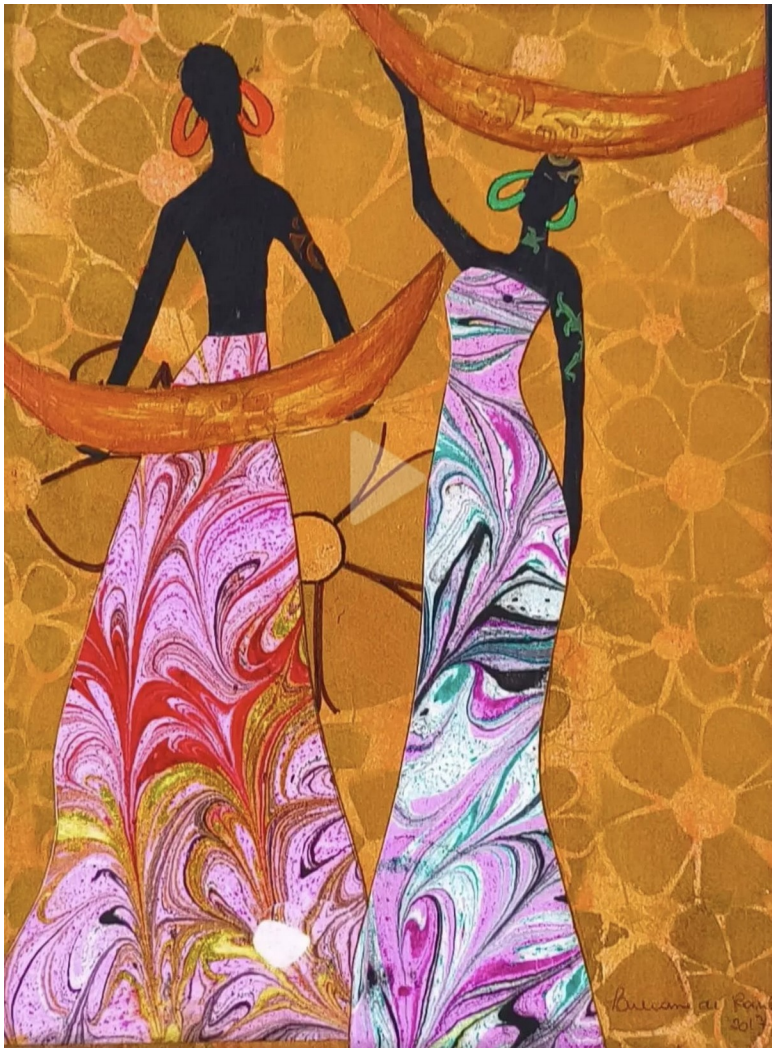
# Figuras negras e papel marmorizado

O primeiro núcleo do percurso autoral conhecido reúne figuras femininas negras, fundos intensamente trabalhados e áreas de papel marmorizado incorporadas às vestes e aos objetos. A repetição de dimensões e materiais reforça a leitura como conjunto. Mais do que colagem decorativa, o papel atua como forma pictórica: cria movimento, diferencia personagens e aproxima corpo, tecido, flor e ornamento.



# Tecendo o vento

2014 · colagem com papel marmorizado e tinta acrílica sobre eucatex · 50 × 37 cm



A faixa sinuosa que atravessa as duas figuras organiza a composição e faz do papel marmorizado mais do que um recurso ornamental: ele se converte em eixo rítmico. A verticalidade dos corpos, a economia do desenho e a superfície densamente trabalhada já estabelecem uma característica que permanecerá na produção de Liliane de Paula: figura e ornamento não se separam, mas participam da mesma construção visual.

# A portadora das águas antigas

2014 · colagem com papel marmorizado e tinta acrílica sobre eucatex · 50 × 37 cm



A composição concentra três silhuetas num campo de cor intensa, articulando volumes simplificados e um fundo de forte presença gráfica. O papel marmorizado introduz movimento nas vestes sem romper a frontalidade das figuras. O título orienta a leitura para uma dimensão de continuidade e memória; formalmente, porém, é a relação entre gesto, contorno e padrão que dá unidade à obra.

# Sem título *[duas figuras com vasos sobre a cabeça]*

2014 · colagem com papel marmorizado e tinta acrílica sobre eucatex · 50 × 37 cm



As duas figuras formam uma estrutura quase simétrica, rompida pelas diferenças de postura, de cor e de desenho das saias. Os braços elevados criam um gesto de apresentação ou transporte que reforça a verticalidade do conjunto. O fundo padronizado e as áreas marmorizadas evitam a ilusão de profundidade e afirmam a pintura como superfície, numa solução próxima da sensibilidade naïf e popular.

# Sem título *[figura ajoelhada com vaso]*

2014 · colagem com papel marmorizado e tinta acrílica sobre eucatex · 50 × 37 cm



A figura ajoelhada introduz uma inflexão mais teatral no núcleo de 2014. O corpo negro, recortado contra o rosa saturado, funciona como desenho de grande clareza, ao passo que os vasos em ocre estabelecem massas laterais que enquadram o gesto. A pequena área marmorizada da saia concentra o movimento e demonstra como a colagem pode atuar pontualmente, sem dominar toda a composição.

# Sem título *[duas figuras com toucados florais]*

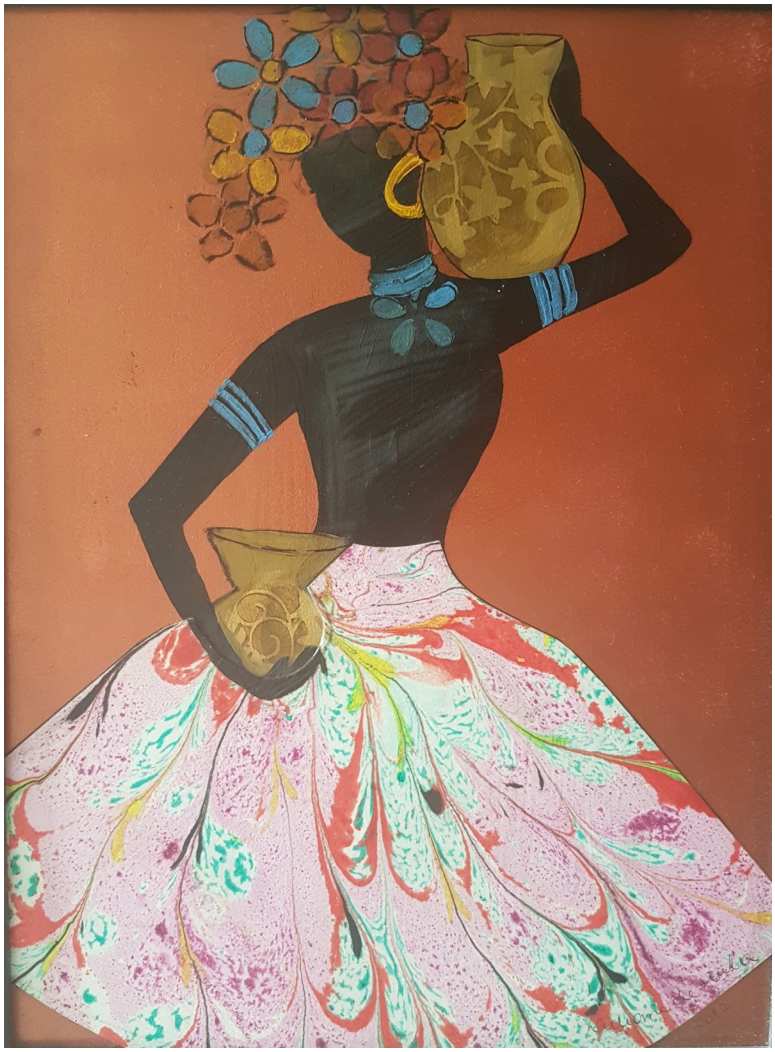
2014 · colagem com papel marmorizado e tinta acrílica sobre eucatex · 50 × 37 cm



Nesta obra, flores, vestes e corpos aproximam-se ainda mais de uma lógica ornamental comum. Os toucados ampliam as figuras para além da anatomia e criam uma continuidade entre cabeça e vegetação. A diferença entre as duas silhuetas é construída sobretudo pelo papel marmorizado, que funciona como identidade visual das vestes e produz contraste sem recorrer ao modelado tradicional.

# Sem título *[figura com vaso à cabeça e saia marmorizada]*

2014 · colagem com papel marmorizado e tinta acrílica sobre eucatex · 50 × 37 cm



O grande volume da saia desloca o centro de gravidade da figura e transforma o papel marmorizado num campo expansivo. Vaso, flores e corpo compõem uma única cadeia vertical, enquanto o contorno escuro preserva a legibilidade da silhueta. A obra evidencia uma estratégia recorrente de Liliane: substituir a modelação volumétrica por relações entre áreas planas, padrões e cores.

# Sem título *[figura com grande saia marmorizada rosa]*

2014 · colagem com papel marmorizado e tinta acrílica sobre eucatex · 50 × 37 cm



A saia cresce até quase se autonomizar do corpo, aproximando-se visualmente de uma corola. Essa expansão floral torna explícita a tendência da artista a fazer corpo, vestimenta e natureza migrarem de um domínio para outro. A figura, reduzida a uma presença gráfica central, sustenta uma composição cuja força está menos na descrição do personagem do que no ritmo da superfície.

# Sem título *[mulher com motivo de pavão]*

2014 · colagem com papel marmorizado e tinta acrílica sobre eucatex · 50 × 37 cm



A figura é incorporada a uma estrutura simbólica vertical em que flores, recipiente e cauda de pavão se sobrepõem. O motivo animal amplia o vocabulário ornamental do conjunto de 2014 e reforça o caráter emblemático da imagem. A perspectiva permanece secundária: a obra organiza-se pela justaposição de signos e pela intensidade cromática, não pela construção de um espaço naturalista.

# Matriz naïf rural em grande escala

Os dois grandes formatos de 2015 deslocam a linguagem para telas com cerca de 1,60 m de altura. A escala monumental não conduz ao naturalismo: ao contrário, acentua a frontalidade, a simplificação anatómica, a cor plana e o valor emblemático de flores, roupas e chapéus. A origem rural deixa aqui de ser apenas repertório iconográfico e surge como princípio de representação.





# Sem título *[caboclo com cesto de flores]*

2015 · tinta acrílica sobre tela · 160 × 120 cm



A escala monumental contrasta com a simplicidade deliberada da representação. O rosto desaparece sob o chapéu, e a identidade do personagem se constrói por postura, vestuário, mãos, cesto e ambiente. As pequenas flores espalhadas pela roupa e pela vegetação transformam o espaço numa superfície contínua. A matriz naïf surge aqui não como falta de técnica, mas como escolha vinculada à memória e aos valores do mundo rural.

# Sem título *[caboclo e cabocla com flores]*

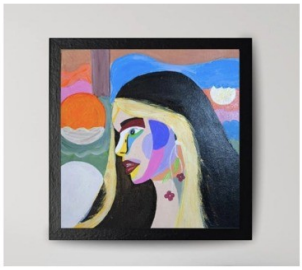
2015 · tinta acrílica sobre tela · 160 × 105 cm



O casal ocupa quase toda a tela e reduz a paisagem a campos cromáticos que servem à presença das figuras. Os chapéus de grande escala, a sobreposição dos corpos e o buquê central produzem uma cena de proximidade sem recorrer a gestos narrativos complexos. Flores, roupa e adereços repetem formas e cores, criando uma unidade ornamental que aproxima a experiência quotidiana de uma imagem emblemática.

# Figura, memória e geometrização

As obras recentes ampliam a gramática construída na década anterior. Retrato, paisagem e flor passam a conviver com experiências de fragmentação geométrica. Em 2024, essa investigação já aparece no pequeno perfil feminino; em 2025, a matriz naïf reaparece de forma explícita na paisagem e nos retratos; em 2026, grandes planos facetados incorporam figura e fundo à mesma estrutura. A geometrização não apaga o percurso anterior: reorganiza-o.










# Sem título *[perfil feminino geometrizado]*

2024 · tinta acrílica sobre madeira · 30 × 29 cm



Em pequeno formato, a decomposição do rosto em planos cromáticos antecipa de modo claro a pesquisa geométrica que ganhará escala em 2026. O perfil permanece legível, mas deixa de ser organizado por modelado contínuo: cor e fragmentação passam a construir a fisionomia. A obra funciona como peça de transição, pois mantém a frontalidade gráfica e a simplificação espacial presentes desde o início do percurso.

# Entre hibiscos e segredos

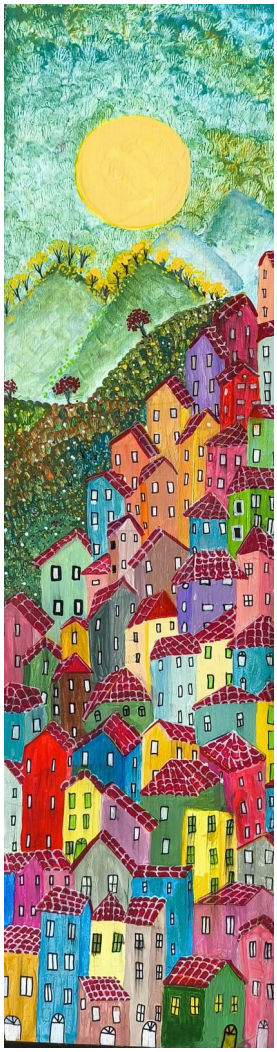
2024 · tinta acrílica sobre madeira · 29 × 15 cm



O formato estreito comprime rosto, cabelo, flores e folhagem num mesmo campo vertical. Os hibiscos deixam de funcionar apenas como adorno e participam da construção da personagem, ocultando e revelando partes do rosto. A relação entre a área negra do cabelo e a intensidade das flores produz uma imagem de grande imediatismo, em que a figura se define pela articulação entre retrato e ornamento.

# As casas onde o sol dorme

2025 · tinta acrílica sobre madeira · 71 × 21 cm



O formato extremamente vertical força a paisagem a crescer por acumulação. Casas, montanha e sol não obedecem a uma perspectiva única: empilham-se segundo uma lógica de memória e de intensidade visual. É uma das obras em que a matriz naïf se manifesta de forma mais explícita, sobretudo na espacialidade intuitiva, na cor não naturalista e na conversão da paisagem rural em topografia imaginada.

# À beira do infinito

2025 · tinta acrílica sobre tela · 90 × 60 cm



A abertura do espaço marítimo produz uma pausa em relação às composições mais densamente ornamentadas. Vista de costas, a figura estabelece uma vertical verde intensa que liga areia, céu e horizonte. A simplificação das nuvens, da água e do corpo preserva a linguagem não naturalista da artista, mas a coloca a serviço de uma imagem mais contemplativa e de uma espacialidade deliberadamente ampla.

# Sem título *[retrato frontal com toucado floral]*

2025 · tinta acrílica sobre madeira · 60 × 30,5 cm



O rosto escuro e frontal ocupa o eixo da composição, enquanto o toucado floral amplia a figura para cima e produz o principal foco cromático. O olhar direto contrasta com a economia de modelado e dá ao retrato uma presença quase icónica. A obra retoma flores e adornos recorrentes desde 2014, mas concentra-os agora na construção de uma identidade individual, e não numa cena de corpo inteiro.

# O céu descansou em seus olhos

2026 · tinta acrílica sobre tela · 66 × 60 cm



A frontalidade extrema e o enquadramento fechado fazem do olhar o centro incontornável da obra. O azul do turbante, dos olhos e da roupa organiza a composição em contraste com os tons quentes do rosto, enquanto o fundo claro isola a figura. A linguagem permanece simplificada e gráfica, mas o interesse desloca-se do adorno exterior para a presença psicológica produzida pela face.

# Sem título *[retrato feminino geometrizado com flores vermelhas]*

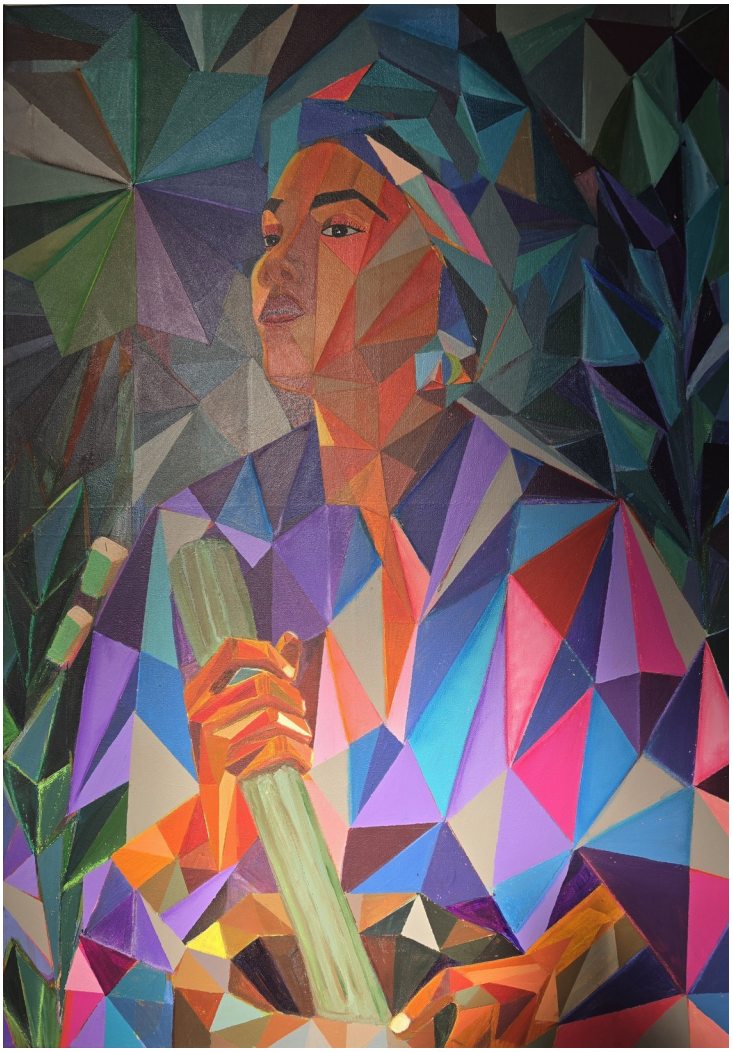
2026 · tinta acrílica e pastel sobre tela · 120 × 60 cm



A fragmentação passa a construir simultaneamente rosto, corpo e fundo. Os planos coloridos não são aplicados como efeito sobre uma figura previamente definida: tornam-se a própria estrutura da imagem. As flores vermelhas estabelecem um segundo foco de estabilidade dentro do campo facetado, e os olhos, mais contínuos que o restante rosto, preservam a ligação com a tradição do retrato que atravessa a produção anterior.

# Sem título *[figura feminina geometrizada]*

2026 · tinta acrílica sobre tela · 100 × 70 cm



Nesta composição, figura e ambiente obedecem de maneira mais completa à mesma gramática de planos. A paleta escurecida no fundo faz emergir o rosto, as mãos e os segmentos luminosos da roupa sem restabelecer uma separação naturalista entre personagem e espaço. A geometrização aparece, assim, menos como abandono da matriz anterior do que como novo instrumento para uma preocupação antiga: organizar toda a superfície da pintura.

Liliane de Paula nasceu em São Sebastião da Vala, Minas Gerais, e formou-se em Artes pela UFES, em Vitória. A partir de 2014, desenvolve um percurso autoral em que memória rural, filiação naïf e pesquisa formal se reencontram. Reunindo obras de 2014 a 2026, este catálogo acompanha a passagem das figuras com papel marmorizado aos grandes temas rurais e à recente geometrização da forma.

Catálogo de obras